> Clementina de Jesus e a ancestralidade negra no samba brasileiro

> Clementina de Jesus and the black ancestry in Brazilian samba

por Cleonice Elias da Silva
Doutora em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Pesquisadora de pós-doutorado no Diversitas da USP. Professora colaboradora na Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) e na Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. E-mail: cleoelias28@gmail.com. Orcid: 0000-0003-3830-9225.

> Resenha recebida em 16.08.2023 e aceita em 23.11.2023.

FICHA TÉCNICA DA OBRA

Clementina

Ana Rieper, 2018

Rainha Quelé...Quem te fez assim foi a natureza... Rainha Quelé... Com a sua fé, espalha beleza...O mundo africano... Cheio de tristezas e desenganos... Que faz cantar... E também sonhar...
Clementina de Jesus

O filme *Clementina*[1], dirigido e roteirizado pela cineasta Ana Rieper, estreou no ano de 2018. Ele participou de festivais como Première Brasil, no Festival do Rio, Mostra de Cinema de São Paulo e Cinelatino-Recontres de Cinéme de Toulouse. A cineasta, com o documentário musical *Vou Rifar meu Coração* (2012), recebeu os prêmios Melhor Filme no London Brazilian Film Festival, Melhor Filme no Festival Internacional de Documentários Musicais In Edit Brasil, Melhor Direção e Montagem no Fest Cine Goiânia e Menção Honrosa da Crítica e Melhor Direção de Arte no Festival Internacional de Documentários do Uruguai – Atlantidoc.

Sua estreia na produção de documentários longas-metragens foi com *Na Veia do Rio* (2002). Seus curtas-metragens *Saara* (1998), *Veluda* (2005) e *Mataram meu Gato* (2006) também receberam prêmios em festivais. Em 2015, ela dirigiu o longa-metragem *5XChico – O Velho e sua Gente*, um documentário sobre o rio São Francisco realizado em parceria com outros quatro diretores. Cinco anos depois, lançou *Natureza Feminina* – uma série documental que apresenta treze ecossistemas brasileiros e discute sobre a condição das mulheres nesses lugares. Seus projetos mais recentes são o longa-metragem *Paraíso Tropical*, que trata a herança colonial do Brasil na atualidade, e *Nada Será Como*

[1] Ficha técnica do filme. Produtora: Dona Rosa Filmes; pesquisa: Pedro Paulo Malta; fotografia: Tiago Scorza; edição: Pedro Asberg; argumento: Marco Abujamra; produção: Mariana Marinho e Marco Abujamra; direção e roteiro: Ana Rieper.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 5, nº 2, 2023
ISSN 2596-0911

Antes – A Música do Clube da Esquina (2023). Ambos foram dirigidos e escritos por ela.

O filme *Clementina* apresenta imagens de arquivo de diferentes momentos da carreira de Clementina de Jesus, que preenche a tela a partir dessas imagens, com os seus brincos, lenços e cabelos sempre arrumados. O seu carisma e força transcendem a nossa experiência imagética. A cantora, compositora e percussionista nasceu no município de Valença, Rio de Janeiro, no dia 7 de fevereiro de 1901 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro em 1987. Sua mãe, Amélia, era lavadeira, parteira e rezadeira, e seu pai, Paulo Batista era pedreiro, carpinteiro, capoeirista e violeiro. Neta de pessoas escravizadas, nasceu numa região historicamente marcada pela produção cafeeira e de uma grande presença da cultura afro-brasileira.

O filme de Ana Rieper tem como mérito não apenas resgatar a História da artista, mas trazer muitos elementos da cultura negra da região de Valença. Fica evidente que a trajetória e as vivências de Clementina são atravessadas pelas questões que dizem respeito ao passado escravista, às resistências, lutas e ressignificações das culturas africanas em nosso país.

Assim como outras mulheres sambistas, tornou-se reconhecida tardiamente, apenas aos 63 anos, participando do espetáculo *Rosa de Ouro*, que foi gravado em disco pela Odeon. Clementina de Jesus participou desse espetáculo a partir de um convite do produtor e compositor Hermínio Bello de Carvalho, que a viu cantar em uma taberna na Glória, lugar frequentado por figuras como Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Pixinguinha e Noel Rosa.

No filme, Hermínio menciona que conheceu Clementina quando ela tinha 62 anos. Ele confessa que odeia que digam que ele a descobriu e destaca o fato de não terem prestado atenção no talento dela antes. Quando a ouviu cantar pela primeira vez, chegou a achar que a Nossa Senhora da Glória estava incorporada nela. Ele considera que ela representa um elo com a África. Cabe problematizar essa afirmação que considera a sambista como um elo com o continente africano, para não cairmos em uma relação entre África e Brasil por uma ótica que reproduz visões e discursos racistas. Atribuindo à figura de Clementina um símbolo de sua existência, sendo que a população afro-brasileira é ampla e diversificada e deve ser compreendida a partir dessa perspectiva.

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 5, nº 2, 2023
ISSN 2596-0911

Personalidades importantes do samba do Brasil trazem seus depoimentos sobre Clementina, entre eles, Nei Lopes, Elton Medeiros e Nelson Sargento. Mais um dos méritos do filme de Ana Rieper, pois esses registros trazem fatos não apenas sobre a trajetória da sambista, mas que dizem respeito a essas outras personalidades. Conhecemos um pouco mais sobre a História do samba para além da produção da sambista.

Em uma dessas imagens resgatadas, um repórter pergunta a Clementina com o que ela estava sonhando. Ela responde que queria a liberdade: "Nós precisamos muito da liberdade!", afirma. Em outra entrevista, na qual pessoas a fazem perguntas, responde rindo que não queria se casar novamente, que se considera uma viúva fiel. Bira de Jesus, seu neto, fala sobre o amor entre sua avó e seu avô, que se apoiavam um no outro, que adoravam uma cerveja. No percurso de carro para o bairro onde ela e ele moravam, afirma que o avô Albino, o "pé grande", era doze anos mais novo que Clementina, e que não gostavam muito de trabalhar. Em outra entrevista, ela diz que o conheceu em uma festa de São Miguel, na Mangueira.

Clementina, com a sua voz e presença marcantes, cantou partidos altos que trazem muitos elementos de nossa cultura africana. Ela trabalhou como empregada doméstica, afirma que aprendeu a cantar com sua mãe. Os nomes Tina, Quelé ou Rainha Ginga (Nzinga) eram usados para designá-la. O filme nos proporciona uma oportunidade única de conhecer com mais detalhes a trajetória dessa figura icônica do samba brasileiro.

Outro jornalista faz-lhe a seguinte pergunta: "A Clementina cantora poderia existir sem a Clementina dona de casa, lavadeira, arrumadeira, partideira?"; ela o responde: "Eu acho que não, a Clementina é sempre a Clementina, trabalhando, cantando, levando roupa, fazendo tudo, é a Clementina, entendeu?" Sou sempre a Clementina!" A sua figura emana muito do que representa a vida de muitas mulheres pretas na História do país como figuras centrais dentro de seus lares e representantes das lutas cotidianas por sobrevivência. Em outra entrevista, afirma que o encontro com Hermínio Bello de Carvalho foi um momento muito feliz de sua vida. No filme, não são apresentados os possíveis conflitos que surgiram dessa relação em sua trajetória.

Em seu emocionado depoimento, Alcione afirma que a presença de Clementina era uma força, que possuía uma luz. As imagens que assistimos no

Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte
vol. 5, nº 2, 2023
ISSN 2596-0911

decorrer do filme possibilitam que tenhamos essa percepção a seu respeito, além dessa força mencionada, ela era uma mulher com um grande senso de humor e alegria, que gostava de cozinhar, principalmente feijoada. Participou das noitadas de samba, realizadas no Teatro Opinião, foi convidada pelo Itamaraty para representar o Brasil em Dakar em 1966.

É possível afirmar que o filme *Clementina* é uma das obras que possibilitam que conheçamos sobre sua *persona*. As imagens de situações de seu cotidiano, enquanto outras, como as de entrevistas, proporcionam-nos conhecê-la a partir de suas falas, expressões e atitudes. Outra característica marcante do filme é a valorização da cultura negra no Vale do Paraíba, ao ouvir as histórias de vida de Seu Mané e Santinha, ao privilegiar a cultura do Jongo.

Outra obra que deve ser mencionada é o filme *Clementina de Jesus – Rainha Quelé* (Werinton Kermes, 2011). Este resulta de um esforço considerável; a partir de pesquisas em arquivos e também por meio de depoimentos, procura reconhecer o lugar de Clementina de Jesus na História do samba, tornando a sua trajetória conhecida por um público amplo, uma vez que o acesso ao filme é gratuito.[2]

Os elementos estéticos e narrativos do filme não são marcados por experimentalismo. Expressa uma linguagem simples, sem a pretensão de explorar as possibilidades estéticas e narrativas do audiovisual. Portanto, ele é uma obra audiovisual didática, com uma narrativa de caráter objetivo e apresenta em sua montagem um bom encadeamento das imagens de arquivos, as quais representam momentos da vida de Clementina e da História do samba.

Trata-se de uma narrativa artística que tem como centralidade a trajetória da sambista, e constrói-se a partir de memórias que são articuladas para dar estrutura ao seu enredo. É importante reconhecer que ele não corresponde a um retrato fiel da realidade; memórias não são materializações dos fatos, mas fragmentos de situações que têm como aspecto fundamental as subjetividades de quem rememora.

Uma das leituras possíveis a serem feitas sobre o filme é que contribui para o rompimento com o perigo de uma História única. Para Chimamanda Ngozi

[2] O filme dirigido por Werinton Kermes está disponível no seguinte link: https://vimeo.com/301702668.

Adichie, não há como se falar de uma História única sem falar sobre poder. Ele é capaz "não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva"[3]. *Clementina* simboliza a História que diz respeito à nossa realidade enquanto uma sociedade que tem em seu passado a colonização e escravidão, e denota a urgência do reconhecimento das mulheres que foram e são protagonistas no samba, pois não há como se negar que ele, por muito tempo, teve como aspecto predominante a perspectiva masculina.

Luiz Antonio Simas, em seu relato, no filme, ressalta a fragmentação gerada pela diáspora e menciona como as culturas africanas são mantidas pelas populações africanas que vivenciaram o processo diaspórico, sendo as escolas de sambas um dos grandes símbolos da expressão cultural dessas populações. Stuart Hall critica o conceito fechado de diáspora, que tem seu apoio em uma concepção binária de diferença. Ele é fundamentado na construção de uma fronteira de exclusão, em que há a dependência de construção de um "Outro" e da oposição rígida entre o dentro e o fora.[4] Nas palavras do autor, "A África vive"[5] nas expressões culturais, situações e vivências cotidianas dos povos africanos e de seus descendentes, que ocupam diferentes regiões do globo. No filme de Ana Rieper, esse aspecto se faz presente. A própria figura de Clementina de Jesus transborda essa característica.

Jurema Pinto Werneck analisa o apagamento das mulheres negras na produção cultural e musical, considerando o gênero samba. Contudo, reconhece um movimento que visa à valorização da presença delas dentro da cena musical do país.[6] O filme comentado nesta resenha cumpre esse papel ao apresentar momentos da trajetória de Clementina de Jesus. A autora mencionada resgata a figura da Ialodê para estudar a trajetória das sambistas Jovelina Pérola Negra, Leci Brandão e Alcione. Em linhas gerais, Ialodê é a designação brasileira para o termo iorubá *Ìyáòòde* ou *Iyálóde*. A língua iorubá chegou ao Brasil trazida por

[3] Chimamanda Ngozi Adichie. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 12.
[4] Stuart Hall. *Da diáspora*: Identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 33.
[5] Ibidem, p. 40.
[6] Jurema Pinto Werneck. *O samba segundo as Ialodês*: mulheres negras e a cultura midiática. 2017. 318f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007, p. 57.

pessoas escravizadas, da África, em fins do século XVIII, oriundas da zona do rio Níger.[7]

De acordo com as tradições do Candomblé, a figura da Ialodê está associada a Oxum e Nanã. A primeira é uma orixá feminina, relacionada à fertilidade e ao caráter de prever o futuro; às "águas doces dos rios e das cachoeiras; com a riqueza, o ouro e a cor amarela". Nanã também é uma orixá feminina, ela está ligada à origem da humanidade na terra. Ambas simbolizam o confronto diante do poder masculino e a reafirmação da igualdade e dos poderes das mulheres. Por essa razão são chamadas de Ialodê, pois representam a "ação política em defesa da condição feminina como detentora de poder e de capacidade de luta"[8].

Esse título, além de fazer referência às sambistas estudadas por Werneck em sua pesquisa, também pode estar associado às imagens de outras mulheres pretas, entre elas, a de Clementina de Jesus. Ele também caracteriza a atuação feminina na esfera política e diz respeito às mulheres emblemáticas, às lideranças políticas de mulheres com atuação em diferentes instâncias.[9]

Assim como mencionado pela autora supracitada, é importante considerar a Ialodê como uma metáfora da representação feminina que tem como característica a liderança. Ela possibilita que direcionemos um olhar específico para as mulheres pretas, considerando suas ações em diferentes realidades, suas trajetórias em uma perspectiva, tanto individual quanto coletiva, e os movimentos que desempenham nos processos de rompimento com os silêncios que lhes foram historicamente impostos.[10] Possibilita que direcionemos um olhar "para formas de autoidentificação que estabeleçam as bases para a ação insubordinada das mulheres negras diante das esferas de poder do patriarcado e do racismo, atuantes no Brasil" [11].

Apesar da importância da presença das mulheres pretas no samba, elas, por muito tempo, foram destituídas de seu papel de centralidade, sobretudo nos espaços de circulação do samba como um produto dotado de valor e de prestígio social.[12] Entretanto, essa destituição não invisibilizou por completo a atuação

[7] Ibidem, p. 66.
[8] Ibidem, p. 67-68.
[9] Ibidem, p. 68.
[10] Ibidem, p. 74.
[11] Ibidem, p. 75.
[12] Ibidem, p. 104.

dessas mulheres no samba brasileiro. É imprescindível o esforço para o reconhecimento e valorização de suas atuações em nossa cultura.

É importante o rompimento com a visão que tem como intuito folclorizar e objetificar as presenças das mulheres pretas no samba. É necessária a compreensão de como elas expõem as opressões que vivenciam e as resistências que encabeçam nos processos de branqueamento e desumanização. Muitas delas não só trazem denúncias em seus sambas, como também cantam possibilidades de esperança.[13]

Clementina, com a sua sensibilidade, valoriza a História do samba e a cultura afro-brasileira presente no Rio de Janeiro e contribui para que nos aproximemos mais de seus aspectos. Entretanto, não notamos no filme uma reflexão sobre as dificuldades que ela e demais artistas negros (as)/ pretos (as) enfrentaram para se inserirem na cena musical e o seu limite financeiro, comparado com os bens conquistados por outros artistas de sua geração. Apesar da narrativa linear, não há uma contextualização clara dos momentos históricos dos eventos e entrevistas que o compõem. Não aparece no filme, por exemplo, como a ditadura civil-militar pode ter impactado em sua carreira. Desse modo, não conseguimos perceber as nuances nas transformações das ideias de Clementina com o passar dos anos. Outra questão a ser mencionada é que não é valorizada a articulação entre a sua trajetória com as outras expressões de autorrepresentação dos movimentos negros das décadas de 1970 e 1980, tais como o *soul*, o Black-rio e o Movimento Negro Unificado, entre outros.

Mesmo assim, o filme possibilita que mergulhemos na história da artista e que uma admiração seja construída no decorrer da narrativa fílmica que nos é apresentada. Entre seus méritos, está o fato de privilegiar as entrevistas dela e as de outras pessoas da comunidade negra/preta, ressaltando os protagonismos que possuem na História do Brasil e da música. É importante que o filme continue circulando e que o seu acesso seja mais amplo, para que as novas gerações reconheçam a importância de Clementina de Jesus para a cultura do samba de nosso país.

[13] Ana Karolina Matias Emydio; Cristiane Westrup; Fernanda da Rocha Fabiano. Da glória ao anonimato: uma análise da invisibilidade das mulheres negras no samba brasileiro. *In: Anais do III Seminário Internacional em Direitos Humanos e Sociedade – V Jornada de Produção Científica em Direitos Humanos e Estado – Direitos Humanos, Democracia e Políticas Públicas no Contexto da Covid-19*, de 20 a 23 de setembro, 2021, p. 2.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. Tradução de Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

EMYDIO, Ana Karolina Matias; WESTRUP, Cristiane; FABIANO, Fernanda da Rocha. Da glória ao anonimato: uma análise da invisibilidade das mulheres negras no samba brasileiro. *In: Anais do III Seminário Internacional em Direitos Humanos e Sociedade – V Jornada de Produção Científica em Direitos Humanos e Estado – Direitos Humanos, Democracia e Políticas Públicas no Contexto da Covid-19*, de 20 a 23 de setembro, 2021, p. 1-6.

HALL, Stuart. *Da diáspora*: Identidades e mediações culturais. Tradução de Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

WERNECK, Jurema Pinto. *O samba segundo as Ialodês*: mulheres negras e a cultura midiática. 2017. 318f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

CLEMENTINA. Direção: Ana Rieper, 2018. Online.